



## **Análise semiótica do discurso de jovens brasileiros de perfis variados: protagonismo e estratégias semióticas**

Daniel Carmona Leite\*

**Resumo:** *Protagonismo* é um termo cuja origem etimológica remonta à Antiguidade, sendo velho conhecido das disciplinas de análise literária. Sua aplicação contemporânea, em especial nos campos da educação e do trabalho, vem tendo uma grande difusão no mundo. Como abordar tal problemática a partir do instrumental teórico da Semiótica de linha francesa? A partir da proposta de Fontanille (2008), verificaremos sua interface, sobretudo, diante da relação existente entre objetivo e horizonte estratégico, analisando o discurso de jovens. Para exercitar a ambição levantada, analisaremos relatos orais de indivíduos brasileiros do sexo masculino. Quanto a seu perfil, temos: (A) jovens urbanos, residentes em São Paulo; (B) adolescentes que estavam cumprindo medidas socioeducativas em regime de semiliberdade em SP; e (C) jovens indígenas pertencentes à etnia xavante, residentes na T. I. Sangradouro (MT). Dentre os resultados encontrados, identificamos, em meio aos jovens *em liberdade*, a busca por trabalho unida ao convívio familiar; ao passo que, entre os jovens em semiliberdade, manifestaram-se objetivos mais dirigidos à obtenção de empregos pontuais e à recuperação de laços afetivos. No caso dos indígenas, os planejamentos para o futuro estão permeados, sobretudo, pelo empenho em garantir condições para o sustento e a continuidade de sua cultura.

**Palavras-chave:** protagonismo; práticas semióticas; narratividade; estratégia semiótica; juventude.

## **Introdução**

No Brasil dos dias de hoje, a acepção mais comum do termo *protagonista* parece ser a de um “indivíduo que tem papel de destaque num acontecimento”, tal como na definição de um reconhecido dicionário de português (Houaiss; Villar, 2007, p. 2317). O significado citado, em linhas gerais, também está relacionado à utilização que se faz do termo em áreas como as da crítica literária e do cinema. Esta remete à noção, mais específica, do personagem principal de uma peça de teatro, de um livro, de um filme, etc. A primeira definição, mais ampla e

---

.DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.160220.

\* Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil. Endereço para correspondência: [daniel.leite@usp.br](mailto:daniel.leite@usp.br). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0270-3634>.

disseminada em nosso cotidiano, aparentemente, teria sido derivada da segunda. As origens etimológicas do termo remontam à Grécia Antiga (p. 2317).

Uma utilização do item lexical *protagonismo* mais atrelada à contemporaneidade, contudo, relaciona-o ao conjunto de capacidades de um sujeito que lhe permitem descobrir ou postular, *de maneira autônoma*, os objetivos, motivações e habilidades necessárias à consecução de suas metas, em um plano amplo. Assim, a título de exemplo, há pessoas que têm sido consideradas protagonistas pela forma com a qual construíram as suas vidas ou as suas carreiras profissionais. Vemos que essa apropriação do conceito original se refere, em maior ou em menor medida, ao indivíduo observado em sua busca por independência e emancipação, a um personagem dotado de potência de determinação interior em face das afecções e influências que lhe seriam exteriores. Essa faceta do protagonismo está relacionada a uma dimensão mais subjetiva do fenômeno.

Práticas educativas vêm sendo realizadas com jovens (contemporaneamente no Brasil, sobretudo em âmbitos não formais de educação) segundo um princípio de que é possível se ensinar a partir da problematização do posicionamento dos educandos diante dos diferentes *atores sociais* que compõem as suas realidades. Estes poderiam ser formados por agrupamentos próprios aos jovens, por instâncias de representação do poder público, por conselhos reguladores em níveis variados, por empresas, por instituições, por famílias, etc. A cena pública estaria formada a partir dessas diferentes coletividades. Enfim, a abordagem pedagógica em pauta buscaria conscientizar os jovens a respeito do que seriam os processos mais amplos de suas sociedades, além de os instrumentalizar para encontrar saídas aos problemas vividos local e globalmente.

Atualmente, não são muitas as investigações científicas feitas no campo da Semiótica de linha francesa para observar os problemas relacionados a tal discussão. Entre elas, destacamos, além de Greimas e Courtés (2012), obras de autores como Fontanille (2008) e Landowski (2014). Estes dois últimos são citados pelos estudos das práticas e das interações, respectivamente. Como forma de verificar a pertinência da utilização de alguns desses instrumentais no tratamento do assunto, iremos analisar discursos orais de jovens brasileiros.

## 1 A proposta do protagonismo juvenil

Antes de passar a um exame semiótico propriamente dito, observaremos brevemente uma obra importante na determinação do que hoje se vem concebendo como a metodologia educacional do protagonismo juvenil. Antônio Carlos Gomes da Costa, autor do livro *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática* (2000), é uma das principais referências na área no Brasil. O livro citado é dirigido a educadores, formadores, professores e profissionais que lidam com jovens ou que formulam políticas para eles. A metodologia tem como principal objetivo, segundo o autor, promover “a formação integral do educando, a sua preparação para a cidadania e sua qualificação para o trabalho” (p. 21). Além disso, ele também argumenta que sua prática é uma “estratégia propiciadora do desenvolvimento pessoal do adolescente” (p. 21), assim como de qualidades que os capacitariam a “ingressar, permanecer e ascender no mundo do trabalho” (p. 21).

Na obra examinada, mesclam-se passagens teóricas a respeito de pedagogia e educação, análises de determinadas partes de documentos legais (como a

*Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente*), assim como reflexões concernentes às convenções internacionais sobre o tema. Essas contribuições, selecionadas de diversas fontes, problematizam as relações da juventude com a sociedade moderna, visando a proporcionar elementos que fomentem as práticas educativas voltadas a esse público. Ao final do livro, a seção de anexos traz um dossiê com um relatório da atuação educacional realizada no âmbito da Fundação Odebrecht ao longo de doze anos, contando com depoimentos de jovens participantes das formações, entre outros documentos. Em meio às referências abundantes que figuram no texto, encontram-se reflexões de autores como Helena Wendel Abramo, Jacques Delors, Ítalo Gastaldi, Roger Hart – cuja obra (1992) é uma das principais referências para o estabelecimento do conceito central do livro, o *protagonismo juvenil* –, Bernardo Toro, entre outros.

Para levantar sua proposta, Costa (2000, p. 20-25) se pauta em um princípio bastante elementar. Ele depreende três estatutos diferentes para as pessoas, segundo suas etapas de vida. Assim, a criança seria pautada predominantemente por um princípio *heterônomo*, sendo dirigida a partir de fora. Isso se daria por ela precisar constantemente da diretividade e de cuidados advindos de referências externas (adultos, idosos, jovens, crianças mais velhas). O estatuto da adultez estaria relacionado à ideia de *autonomia*, pois ela postularia a capacidade de governo independente e, assim, de uma direção realizada *a partir de dentro*. O adolescente, por fim, estaria em uma fase intermediária, de *autonomia relativa*, no sentido de que tenderia a uma intermitência quanto à capacidade de ser responsável pelos próprios atos. Por vezes ele seria capaz de ser autônomo e de responder por suas ações, por vezes seria incapaz de fazer essas coisas.

Trata-se, evidentemente, de um esquema geral para dar conta do complexo fenômeno que existe por trás da formação individual e do estabelecimento da autonomia. Vemos que o modelo representa, em linhas muito gerais, uma síntese do processo de desenvolvimento pessoal em meio à vida. Uma das práticas educativas mais comuns que existem, talvez, consista justamente no exercício gradual de atribuição de responsabilidades às crianças e aos jovens. Primeiro, elas se alimentam com o auxílio dos adultos, para, em seguida, poderem aprender a comer sozinhas. Ao exercitarem essa autonomia relativa, contando com a tutela dos adultos e com a experiência e o companheirismo de seus irmãos ou colegas, as crianças ou adolescentes passam a construir confiança nos outros e erigem suas autoestimas em quantidade suficiente para poder conhecer, filtrar e absorver conteúdos por si mesmas. Além disso, desenvolvem suas sensibilidades e adquirem habilidades para desempenhar funções variadas.

Julgamos importante ressaltar, quanto a esse ponto, nossa opção por uma visão imperfeita e complexa do fenômeno. A autonomia pode dizer respeito a várias formas de independência. Em outras palavras, ela seria relativa a diferentes práticas significantes. Ou seja, um indivíduo poderia ser perfeitamente autossuficiente em um campo dado (tomemos o das relações pessoais, os níveis afetivo, profissional, entre diversos planos que poderíamos observar) ao mesmo tempo em que fosse profundamente dependente, sob um aspecto diferente. Do mesmo modo, um adulto pode ter atitudes muito irresponsáveis, ao mesmo tempo em que uma criança pode demonstrar enorme maturidade, sob outra perspectiva.

Não se trata de buscar estabelecer uma regra geral, estamos aqui apenas observando princípios elementares de funcionamento das práticas educativas. Por outro lado, as crianças, com suas sensibilidades, conexões, alegrias e inventividades muito nos inspiram, além de nos surpreender continuamente por

seus modos de ser, pelo exercício de suas intuições e sensibilidades. Efetivamente, ensinam diversas coisas aos adultos e jovens, por isso mesmo defendemos os seus direitos à voz e à expressão em instâncias de coletiva representação social, como bem argumenta Hart (1992, p. 4). Ao mesmo tempo, isso não significa que devemos negligenciar eventuais necessidades de estabelecer limites a elas, pelo simples fato de que há coisas que elas ainda não têm condições de entender ou de decidir, no estágio da vida em que se encontram.

O fazer pedagógico desafia o professor a conhecer seus alunos, a sociedade e a si mesmo. Envolve o desenvolvimento de estratégias para a obtenção dos objetivos curriculares que guiam suas práticas ou ainda outras perspectivas julgadas importantes, fazendo-o de acordo com as especificidades de cada um dos seus educandos. As habilidades elencadas por Costa (2000) para uma formação na metodologia do protagonismo juvenil se referem às quatro macro-competências da proposta do relatório *Educação, um tesouro a descobrir* (Delors et al. 2010, p. 31-32). São elas: *aprender a fazer*, caracterizada principalmente pela preparação para o trabalho (a chamada competência produtiva); *aprender a ser* (competência pessoal), o campo do desenvolvimento individual em autonomia, solidariedade e responsabilidade, dentre outros aspectos; *aprender a conviver*, que diz respeito à capacidade de se relacionar e de interagir com os demais e consigo de maneira pacífica (competência social); e *aprender a aprender* (competência cognitiva), que inclui práticas que compreendem o domínio dos conhecimentos necessários para a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo e a solução de problemas (Costa, 2000, p. 21 -22, 49).

Uma das fontes teóricas da proposta do protagonismo juvenil de Costa (2000) é a obra do psicólogo americano Roger Hart (1992). Ela postula que a participação é a chave para o estabelecimento da democracia, é seu direito fundamental (p. 5). Sendo assim, o autor afirma que crianças e jovens devem ter direito à participação nos processos deliberativos da sociedade. Em sua proposta denominada *escada da participação*, ele depreende uma sequência de oito etapas, partindo de um estado mínimo até um estágio máximo de participação das crianças em atividades variadas (p. 7-10). A primeira fase seria uma ação puramente manipulada. A subida dos degraus representa a passagem por etapas menos dirigidas (tais como uma *participação decorativa*), caminhando em direção ao que seria uma tarefa delegada e chegando, por fim, a uma participação considerada como a possibilidade máxima do modelo, aquela ação que seria fruto de iniciativa das crianças e apenas comunicada aos adultos como decisões plenamente suas. Evidentemente, elas passariam a arcar, nesses casos, com as responsabilidades a respeito daquilo que estaria implicado nas escolhas feitas (p. 8).

Em sua obra, o brasileiro Costa (2000, p. 176-181) faz nova versão da *escada* de Hart (1992), trazendo um modelo que possui dez degraus. O primeiro autor, aparentemente, adapta o esquema original para o utilizar na realidade do trabalho com jovens. Dito isso, sigamos adiante. Nosso objetivo neste item foi apenas o de levantar alguns aspectos dessa problemática, tendo em vista nosso interesse de trabalhar essas premissas a partir de um olhar semiótico.

## 2 Estratégia e práticas semióticas no protagonismo

Em nossa função de analistas da significação, tendemos a prescindir da difícil tarefa de educar, colocando-nos no papel de investigar. No que concerne a uma observação do protagonismo subjetivo, em Semiótica, entendemos que ele se daria a partir do estabelecimento do que seria, no nível narrativo, um *contrato reflexivo*. Nesse processo, haveria um sincretismo a reunir as funções actanciais de destinador, destinatário e sujeito operador em uma mesma instância atorial, ou seja, teríamos, aí, um único ator desempenhando os diferentes papéis mencionados. Em termos mais correntes, diríamos que estamos no campo da problemática da capacidade de governo dos seres, relacionada à categoria *autonomia – heteronomia*. Nosso trabalho não tem um foco específico apenas sobre o primeiro termo do par, de forma que investigamos igualmente alguns pontos relacionados à ideia de heteronomia, ou o que denominamos, em termos narrativos, *contrato transitivo*.

Agindo sob um regime autônomo, o ator do sujeito precisaria ter condições de avaliar e definir seus objetivos principais previamente à ação. Ele conferiria uma qualidade especial a um fazer específico. Esse mecanismo de cotejo e seleção já se encontra de algum modo sugerido pela própria etimologia do termo *protagonista*, do grego antigo, composto por *prôtos* – (que significa, em linhas gerais, *primeiro*) e *-agônístés*, o competidor que concorria ou atuava em meio às práticas agonísticas de então (Houaiss; Villar, 2007, p. 2317). Temos um ator destacado em um projeto práxico dado. O que acontece na transposição da utilização transitiva-atributiva do termo protagonismo (que escolheria quem seria o ator mais importante em um âmbito considerado) a uma acepção sua de caráter reflexivo é que o ator, ao se tornar, ele mesmo, também o julgador de suas ações, passa, assim, a selecionar melhor, a elencar, a priorizar uma, ou algumas, em meio às diferentes atividades que poderia realizar.

Assim, estamos diante de uma problemática relacionada à *estratégia narrativa*, ou à organização superior que articula os diferentes percursos em uma manifestação textual dada (Greimas; Courtés, 2012, p. 182). Os autores acima, à época de escrita do *Dicionário de Semiótica* (2012 [1979]), admitiam que, a depender da forma como o conceito fosse entendido, ele poderia vir a “invadir” o terreno de outro campo da teoria, o da sintaxe narrativa, formulação central que é também proposta na mesma obra (p. 475-477). Esta última é considerada por eles como a “fonte” que daria origem a todo processo semiótico, por sua vasta aplicabilidade (p. 477). Ainda assim, os autores instituem a capacidade dos processos estratégicos de manipular “‘massas narrativas’ mais amplas e de maior complexidade” (p. 477). Os relatos autobiográficos oferecem um *corpus* interessante nesse sentido, pois nos permitem ver que essa competência estratégica não diz respeito apenas a procedimentos presentes nos textos literários ou artísticos. Essa instância organizadora, que articula os programas e percursos em meio à narratividade, defendemos, é uma construção subjacente também às discursivizações da vida individual, feitas pelas pessoas corriqueiramente.

Após o tratamento dado ao tema por Greimas e Courtés (2012 [1979]), encontramos em Fontanille (2008) uma proposta de encaminhamento da problemática da estratégia em Semiótica, estando ela, aí, enquadrada em meio a um dispositivo teórico que engendra diversos planos de imanência. Este se ocupa de descrever diferentes níveis de significação presentes nas manifestações semióticas. Porém, mais do que as reflexões concernentes ao estabelecimento de

um mapeamento global das relações existentes entre esses diferentes níveis, apresentadas no capítulo I da obra analisada, “Niveaux de pertinence et plans de immanence” (Fontanille, 2008, p. 17-78), as ideias que nos interessam no momento são as que: (1) dizem respeito às formas de “confrontação” e “acomodação estratégicas” entre práticas (p. 25-29, 130-141), assim como (2) ao relacionamento entre “objetivo” e “horizonte estratégico” (p. 211-215, 235-256, 274-292), instâncias da cena prática.

Antes de passar à descrição da primeira delas, vale observar a intenção geral do autor de instrumentalizar uma teoria da “semiose em ato”. Ele afirma isso na obra analisada (Fontanille, 2008, p. 130). Para explicar a expressão acima, ressaltamos a ideia de que todo ato semiótico se constituiria, simultaneamente, como reconhecimento e interpretação de si. Assim, não haveria prática sem dimensão estratégica integrada (p. 124-125, 130). Esse componente avaliativo do dispositivo práxico poderia ser de ordem reflexiva ou transitiva. Examinemos brevemente algumas palavras do autor nesse sentido:

A organização sintagmática das práticas é, assim, efetivamente constituída de *confrontações e de acomodações*, e eventualmente (e apenas eventualmente) guiada pelo horizonte de referência de uma sequência canônica, e ela implica sempre, ao menos implicitamente, uma atividade interpretativa, seja ela reflexiva (autoacomodante) ou transitiva (se ela está referida a um horizonte de referência tipológico ou canônico). (Fontanille, 2008, p. 130-131, tradução nossa<sup>1</sup> e grifos do autor)

Ao propor uma teoria que postula diferentes planos de imanência aos textos, como mencionado anteriormente, Fontanille (2008) teria condições de incorporar formas de interpretação no instrumental de apreensão das práticas. O funcionamento do dispositivo prevê que um nível posterior (pressuposto) estaria em condições de analisar aquele que lhe seria anterior (ou pressuposto). Além disso, o autor postula um modelo para dar conta das diferentes etapas do processo de acomodação de práticas que, segundo ele, visaria, a partir da ideia de otimização, chegar à *resolução* de uma *falta de sentido*<sup>2</sup>.

Esse processo estaria composto por quatro momentos, a *falta de sentido*, a *esquematização*<sup>3</sup>, a *regulação*<sup>4</sup> e a *acomodação*<sup>5</sup>. A primeira seria a fase da atualização da situação-ocorrência, de confrontação da prática e de sua alteridade. A segunda, por sua vez, trataria do momento em que essa situação seria analisada ou sentida a partir das resistências guardadas diante de zonas de alteridade mais fortes. Durante a etapa da regulação, a solução seria projetada sobre a ocorrência. Nela, o *peso* axiológico da esquematização agiria sobre as relações de força (p. 133). Por fim, na acomodação, haveria a sensação de que o conjunto que envolve a situação-ocorrência estaria inserido em um esquema lógico coerente, obtido a

1 “L’organisation syntagmatique des pratiques est donc de fait constituée de *confrontations et d’accommodations*, éventuellement (et seulement éventuellement) guidées par l’horizon d’une séquence canonique, et elle implique toujours, au moins implicitement, une activité interprétative, qu’elle soit réflexive (auto-accommodante) ou transitive (si elle se réfère à un horizon de référence typologique ou canonique).”

2 “*défaut de sens*”, no original (p. 132-135).

3 “*schématisation*”, fr., (p. 132-133).

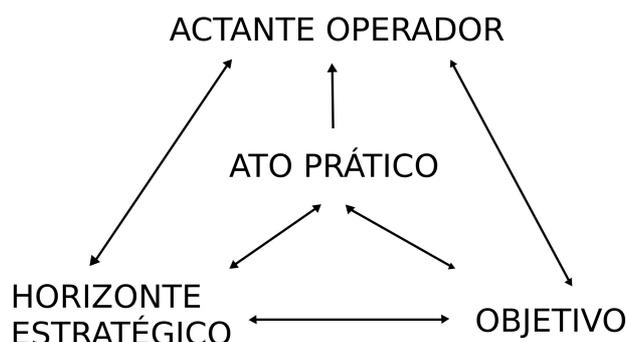
4 “*régulation*”, fr., (p. 132-133).

5 “*accommodation*”, fr., (p. 132-134).

partir da articulação estratégica da prática diante de sua alteridade e vice-versa (p. 134).

No que concerne à pauta da relação existente entre objetivo e horizonte estratégico, lembramos que esses dois conceitos estão integrados no esquema básico de apreensão das instâncias constituintes do nível da cena prática. Este seria composto por quatro elementos. A seguir, reproduzimos o modelo proposto:

**Figura 1:** Quatro instâncias da cena prática e ligações sintagmáticas.



**Fonte:** Fontanille (2008, p. 215, tradução nossa).

Para construir o modelo acima, Fontanille (2008) se baseou no princípio de constituição actancial de cenas predicativas, que havia sido originalmente elaborado por Tesnière (p. 212). As duas instâncias superiores no diagrama, o *actante operador* e o *ato prático*, diriam respeito à união do predicado central da cena com o primeiro actante, ao passo que a terceira, o *objetivo*, corresponderia àquilo que se produz por meio da prática. Esse actante poderia ser chamado também “objeto”, a depender do caso examinado (p. 213). A quarta instância (o *horizonte estratégico*) não pertenceria “naturalmente” ao nível da prática em pauta, mas se faria presente nela por meio de um movimento de integração descendente, segundo a lógica de conversão entre níveis proposta pelo autor (p. 213).

A relação do objetivo com o horizonte estratégico é permeada pelo conceito de *ética*, noção que, segundo o autor, foi pouco trabalhada pela Semiótica ao longo de seu desenvolvimento (Fontanille, 2008, p. 236). Ele afirma que esse conceito é responsável por conferir um caráter estratégico (ou teleológico) à cena prática (p. 283). A ideia geral desse raciocínio se pauta no princípio de que um ato apenas pode se tornar ético quando ele ultrapassa o sentido original da prática em curso. Essa ultrapassagem, em linhas gerais, defende o autor (p. 237-238), pode ser dirigida à idealidade ou à alteridade. No primeiro caso, resumidamente, estaríamos entrando no campo da determinação das causas finais dos atos; já no segundo, o que estaria em pauta seria um alargamento do campo de valores do operador, levando-o a se compadecer de causas alheias (p. 238).

Vemos que as noções elementares contidas nas ideias de objetivo e horizonte estratégico de Fontanille (2008) são, em certa medida, homologáveis aos conceitos da teoria *standard* de programas narrativos de uso e de base (Greimas; Courtés, 2012, p. 388-390). No primeiro caso, estaríamos trabalhando, com dois tipos de relacionamento do operador com a ação, um mais próximo e específico, outro mais ideal e distante. Na conceitualização de Greimas e Courtés (2012), o PN

de base (ou geral) exigiria a realização prévia do PN de uso para poder se efetivar (p. 389).

Isso posto, passemos à próxima seção, em que iremos observar os discursos de jovens brasileiros do sexo masculino coletados em nossa pesquisa a partir das propostas examinadas. Buscaremos também realizar um exercício de verificação da efetividade do modelo teórico observado. Análises dos discursos das jovens do sexo feminino, coletados para a pesquisa de doutorado, poderão ser consultadas no trabalho completo de nossa tese (em desenvolvimento).

### **3 Metodologia de coleta de entrevistas e perfil dos entrevistados<sup>6</sup>**

A coleta de dados desta pesquisa se deu por meio de entrevistas individuais, realizadas segundo a metodologia compreensiva proposta por Kaufmann (2013) e ocorridas entre julho e dezembro de 2017. Buscamos, sempre que possível, dar liberdade ao fluxo conversacional construído com os entrevistados, mesmo contando com um roteiro pré-elaborado para cada conversa. Os depoimentos nos permitiram ter um vislumbre daquilo que eram as justificativas e narrativas assumidas na determinação das escolhas pessoais, nas construções de histórias de vida e nos planejamentos para o futuro. Optamos por coletar depoimentos de pessoas de diferentes grupos sociais, com base no recorte etário de 15 a 29 anos estipulado pela PEC da juventude, aprovada em 2010.

Os critérios de seleção de grupos de indivíduos a serem entrevistados foram estabelecidos com base em nosso interesse de abarcar, tanto quanto possível, uma diversidade constituinte das juventudes brasileiras. Chegamos, desse modo, a seguinte divisão: (A) jovens da cidade de São Paulo e região metropolitana *em liberdade* (sem ocorrências ativas no que concernia ao cumprimento da lei); (B) jovens que tinham sido considerados pela justiça como autores de atos infracionais e que estavam cumprindo medidas socioeducativas em regime de semiliberdade em unidade da Fundação CASA na capital de SP; (C) jovens da etnia xavante (ou *a'uwẽ*, como se autodenominam), que viviam em aldeia indígena localizada no município de General Carneiro, estado de Mato Grosso, Brasil.

### **4 Análise dos planejamentos de vida: jovens urbanos de São Paulo**

As entrevistas a serem analisadas agora correspondem aos depoimentos de três jovens. Dois deles (Jonathan e João) foram selecionados graças à mediação feita por gestores de projetos sociais, frequentados pelos rapazes, na região metropolitana de São Paulo. Alessandro foi entrevistado na Universidade de São Paulo. A duração total das conversas foi de 1 hora e 40 minutos. Para preservar a privacidade dos jovens, os seus nomes pessoais, neste estudo, foram substituídos por denominações arbitrárias convencionadas por nós. O número que segue aos seus nomes (ex. Jonathan\_15) é correspondente às suas idades, em anos, à data das entrevistas.

---

<sup>6</sup> A realização da presente pesquisa foi autorizada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), assim como pela Fundação CASA (SP) e pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Nossos profundos agradecimentos a cada um dos profissionais e jovens que se empenharam em tornar possível este estudo.

**Tabela 1:** Denominação fictícia, renda domiciliar e escolaridade de adolescentes urbanos de São Paulo e região metropolitana.

Jovem	Renda domiciliar declarada	Escolaridade
Jonathan_15	De R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000,00	E. F. completo
João_18	De R\$2.500,00 a R\$ 3.000,00	E. F. incompleto
Alessandro_27	De R\$ 3.000,00 a R\$ 3.500,00	E. S. incompleto

**Fonte:** Elaboração nossa, com base em dados colhidos a partir de questionário socioeconômico.

Dentre as atividades que foram consideradas como centrais nos relatos dos jovens, em geral, estavam a convivência com a família de origem, as atividades ligadas à diversão e ao prazer ou aquelas vinculadas à atenção com a nova família que vinham construindo (esta última, no caso do entrevistado mais velho). Jonathan\_15 considerava a família a coisa mais importante de sua vida. O rapaz relatou que ela era “as suas pilastras”, aquilo que o “levantava para o futuro” e o que o ajudava a transpor “as barreiras” da sua vida. Já João\_18 considerava que jogar bola era a coisa mais importante para ele, pois estava desempregado à época da entrevista. Mesmo sem ocupação profissional, contou que eventualmente realizava no bairro pequenos bicos para sobreviver. Alessandro\_27 também estava sem emprego à data da conversa. Afirmou valorizar mais as atividades que fazia por gosto do que aquelas que fazia por obrigação. Sua principal ocupação, na época da entrevista, era o cuidado com a filha, que tinha, então, aproximadamente quatro anos. No que concernia ao objetivo da cena prática nesse caso (Fontanille, 2008, p. 213), ou seja, ao percurso prático de caráter local examinado (fazer cotidiano), tivemos dois jovens que declararam dar prioridade a atividades relacionadas a vontades ou gostos pessoais (modalidade do querer) e um relato que atribuía à principal atividade (“convivência familiar”) um valor afetivo elevado (Jonathan\_15).

Quanto aos planos para um futuro de mais longo prazo, destacamos, em Jonathan\_15, o apoio à família de origem e o sonho de realizar estudos de graduação e pós-graduação universitários; em João\_18, encontramos o desejo de ser dono de uma oficina mecânica; em Alessandro\_27, a vontade de manter, ao longo da vida, um convívio próximo aos familiares, de se dedicar à criação da filha e de concluir o ensino superior. Desse modo, naquilo que dizia respeito ao investimento discursivo do horizonte estratégico subjacente à discursivização das práticas relatadas por esses jovens para o futuro, encontramos duas motivações de cunho ético (em Alessandro e Jonathan). Estas foram assim caracterizadas por nós porque ultrapassavam os objetivos locais das ações planejadas em proveito do bem-estar das famílias dos entrevistados. Além disso, constatamos, nos relatos examinados, formas variadas de realização individual no que concernia à vida profissional.

## 5 Análise dos planejamentos de vida: jovens em semiliberdade

Analisaremos, agora, relatos orais obtidos de adolescentes que, à data das entrevistas, encontravam-se cumprindo medidas socioeducativas na Fundação CASA (SP), em regime de semiliberdade. A unidade visitada está situada na zona leste de São Paulo, capital. Foram realizadas cinco entrevistas e os depoimentos

coletados duraram entre 26 e 37 minutos, individualmente, totalizando 2 horas e 42 minutos de gravação.

**Tabela 2:** Denominação fictícia, renda domiciliar e escolaridade de adolescentes de São Paulo em semiliberdade.

Jovem	Renda domiciliar declarada	Escolaridade
Marcelo_19	Menos de R\$ 1.100,00	E. F. incompleto
Ricardo_19	De R\$ 2.500,00 a R\$ 3.000,00	E. M. completo
Carlos_19	Menos de R\$ 1.100,00	Creche ou pré-escola
Antonio_18	De R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000,00	E. F. completo
Mateus_17	Acima de R\$ 4.000,00 mensais	E. F. completo

**Fonte:** elaboração nossa, com base em dados colhidos a partir de questionário socioeconômico.

Em primeiro lugar, ressaltamos que quando esses jovens falavam de si mesmos nas entrevistas, eles faziam poucas menções a aptidões ou motivações pessoais (talentos, aspirações, afinidades, habilidades). Além disso, nos relatos, constatamos apenas uma pequena frequência de autoimagens eufóricas, o que nos fez inferir a possibilidade de existir baixa autoestima entre eles. Entre as atividades sociais mencionadas como realizadas por eles anteriormente à retenção, em meio a outras ações, ressaltamos a presença de práticas que consideramos imediatistas. Essas figuras *mais objetivas*, por dizer assim, remetiam ao consumo de drogas, assim como ao envolvimento com o tráfico. Justificamos nossa afirmação de que tais atos seriam *mais imediatistas* pelo fato de que apresentavam uma diretividade acentuada no que seria “o investimento discursivo da conjunção do sujeito com o objeto” (Greimas; Courtés, 2012, p. 90).

Além disso, outras atividades que foram citadas pelos adolescentes manifestavam discursivamente o valor da conjunção do sujeito com o objeto narrativo do PN de uso. O objeto era representado, muitas vezes, pela figura do *dinheiro*, item necessário para a compra de artigos variados e almejados por eles. As figuras dessas ações eram investidas, normalmente, pelas figuras da *busca por empregos*, ou mesmo do *cotidiano de trabalho*, sendo, este último, visto, por vezes, como disfórico (por ser considerado “duro demais”). Isso ocorreu, sobretudo, no caso de jovens que tinham passado por regimes de trabalho com características típicas de subempregos. Nos relatos obtidos, as opções profissionais encontradas muitas vezes eram avaliadas como difíceis de se obter, bem como “trabalhosas” em demasia.

Em meio às práticas que remetiam à conjunção do sujeito com o objeto do PN local (citadas anteriormente), identificamos, no plano discursivo, as figuras do consumo de drogas e do envolvimento com atos infracionais, tais como o roubo ou o tráfico. Estes últimos eram vistos pelos jovens até com certa naturalidade. Por vezes eram tidos como opções “de trabalho” bem remuneradas. O uso de drogas se apresentava, em outras ocasiões, como uma alternativa que oferecia uma espécie de alívio ao cotidiano doloroso. Referências a vivências de sofrimento agudo de ordem afetiva foram praticamente uma constante encontrada nos relatos. Amiúde, as histórias pessoais narradas continham quadros que envolviam históricos de violações de diversos direitos civis básicos, tais como abandono familiar, carências

materiais e culturais, violência doméstica e/ou dependência química acentuada por parte dos pais dos jovens.

No tocante às expectativas para o futuro, os entrevistados expressaram unanimemente que queriam conseguir trabalho. Alguns tinham mais esperanças de o obter, outros menos. Carlos<sub>19</sub> contou que, no momento da entrevista, o seu principal objetivo era terminar os estudos e arrumar um emprego melhor. Além disso, o adolescente afirmou pretender concluir um curso profissionalizante (para poder abrir uma mecânica) e também declarou querer ter uma família. Ricardo<sub>19</sub> pretendia fazer cursos, procurar um emprego bom e também constituir família. Não considerava a possibilidade de fazer faculdade, pela falta de condições financeiras que julgava possuir. Marcelo<sub>19</sub>, por sua vez, mostrava-se pouco otimista com relação ao futuro, mas ainda assim contou que esperava conseguir um trabalho e voltar a conviver com os irmãos. Mateus<sub>17</sub> disse que não via muitas esperanças de chegar a seu objetivo profissional, que era ser mecânico. Acreditava precisar melhorar muito “a sua mente” para tanto. Por fim, Antonio<sub>18</sub> afirmava que o que mais esperava conseguir era um emprego e abandonar a vida do crime.

Assim, na discursivização dos horizontes estratégicos manifestados pelas expectativas futuras desses discursos autobiográficos, tivemos uma tendência à utilização de figuras práxicas de caráter mais local e pontual do que as dos jovens do primeiro perfil. Isso se deveu, provavelmente, ao fato de que esses adolescentes tendiam a estar em processo de reconstrução de suas trajetórias de vida, principalmente no que dizia respeito a espectros mais amplos de planejamento. Suas atividades, anteriormente às entrevistas, tinham apresentado envolvimento com grupos infracionais, culminando na apreensão pela polícia e na retenção dos adolescentes, levando-os ao cumprimento das medidas socioeducativas. Tal necessidade, entre outras coisas, incorria no afastamento temporário do convívio familiar. Ou seja, havia, na cena em pauta, diferentes práticas coocorrentes. Para destacar um par delas, tomemos a vivência junto aos membros das famílias dos jovens, que conflitava com o procedimento de restrição de liberdade. Graças a uma determinação judicial, a segunda *praxis* gozava de prioridade sobre a primeira. Isso não impossibilitava, contudo, a visita que os adolescentes podiam fazer a suas casas de origem aos fins de semana, tratando-se de medidas de semiliberdade. Dito isso, sigamos adiante com os relatos dos jovens do terceiro perfil.

## 6 Análise dos planejamentos de vida – jovens indígenas

A etnia indígena xavante, hoje em dia, vive dividida em diferentes territórios localizados no estado de Mato Grosso (Gomide, 2011). Seu idioma, *a'uwẽ mremenã* (xavante), pertence ao tronco linguístico Macro-Jê. As entrevistas deste trabalho ocorreram em Terra Indígena Sangradouro/ Volta Grande. A reserva foi demarcada e homologada pela União em 1991 (Vianna, 2008, p. 22) e consiste em uma importante área de preservação natural do bioma do cerrado, com variedade de espécies botânicas e animais. A aldeia *Idzô'uhu* (Abelhinha), onde morava a maioria dos jovens à data das entrevistas em 2017, contava com aproximadamente 140 habitantes. A duração total das entrevistas foi de 2 horas e 58 minutos e as conversas duraram de 21 a 60 minutos, cada. Os depoimentos foram concedidos majoritariamente na língua portuguesa. Os jovens entrevistados eram bilíngues (português/ xavante).

**Tabela 3:** Denominação fictícia, renda domiciliar estimada e escolaridade de adolescentes indígenas do Mato Grosso.

Jovem	Renda domiciliar estimada	Escolaridade
Bodi_23	De R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000,00	E. M. completo
Rewiwarena_27	De R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000,00	E. F. incompleto
Uiwedê_23	Menos de R\$ 1.100,00 mensal	E. M. completo
Prapa_27	De R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000,00	E. M. completo
Tsiuburá_28	Menos de R\$ 1.100,00 mensal	E. M. completo

**Fonte:** Elaboração nossa, com base em dados colhidos a partir de questionário socioeconômico.

Três dos entrevistados estavam casados, moravam com as esposas e tinham filhos à data das conversas. Todos eles pertenciam ao estágio de idade denominado, entre os Xavante, *ipredupté*, ou seja, uma classe intermediária entre os homens considerados maduros (*ipredu*) e os novos adultos, denominados *ritei'wa* (Lopes da Silva, 1986, p. 81). Durante essa fase da vida, os homens são considerados, também, pela classificação em categorias de idade formal típica da organização desse povo, *danhohui'wa*, ou padrinhos iniciáticos. Os adolescentes apadrinhados por eles são denominados, na ritualística, *wapté*.

Em meio às atividades diárias que os entrevistados declararam realizar em seus cotidianos, três deles contaram que costumavam “aconselhar” os adolescentes. Esse processo de educação nativo supõe práticas de conversa, atividades esportivas ou de dança, atividades de lazer, assim como o ensino da identificação e preparação de ervas rituais, entre outras ações, feitas conjuntamente por jovens das duas classes de idade mencionadas.

Bodi\_23 afirmou que “ficava de boa” cuidando dos *wapté*, contando que valorizava essa dedicação. Rewiwarena\_27 e Uiwedê\_23 consideravam que a atividade mais importante desenvolvida por eles, à época da entrevistas, era a realização dos rituais xavantes, mencionando como exemplo a corrida de tora de buriti (*Uiwede*). Além disso, o primeiro deles também afirmou gostar muito de jogar futebol e ajudar os outros. Prapa\_27 considerava que as principais atividades que realizava eram relacionadas à criação e ao sustento de seu núcleo familiar próprio (fazer roça e trabalho como professor da escola indígena da aldeia), além do estudo. Tsiuburá\_28, por sua vez, colocou que sua ocupação central era conviver e cuidar do seu núcleo familiar de origem.

De certo modo, os percursos práticos mencionados como “mais importantes” pelos relatos dos indígenas quanto às atividades realizadas na temporalidade presente das entrevistas mostravam uma preocupação com aspectos que ultrapassavam o objetivo de menor dimensão. Para tomar um exemplo, os *danhohui'wa* (padrinhos), aconselhavam os *wapté* (adolescentes) não tanto por ver um sentido intrínseco a essa atividade, mas visando sua formação futura. Tal ação, contudo, não era isenta de tensão, pois, por vezes, estar com os adolescentes significava não poder realizar outras coisas que queriam com afinco, tais como praticar esportes ou mesmo conviver com as demais pessoas da aldeia. Encontramos, aí, outro exemplo de concorrência entre práticas. O conflito, em um dos relatos examinados, foi resolvido pela opção que o entrevistado fez pelo

aconselhamento. Na ocasião, segundo depreendemos de suas palavras, o entrevistado deu prioridade ao valor do bem comunitário ante a realização de uma vontade pessoal.

No que concernia ao futuro, dois dos jovens *aibö* (homens) contaram que queriam estudar e aprender a falar a língua portuguesa com mais desenvoltura, dentre outros objetivos. Um afirmou que seu sonho era o de fazer faculdade e poder trazer os conhecimentos de volta para a sua comunidade. A universidade foi mencionada por três dos entrevistados como um projeto pessoal para o futuro, almejada como forma de melhorar as condições de vida dos familiares ou da aldeia. A formação superior era o investimento discursivo do *objetivo* da cena prática projetada para o futuro (Fontanille, 2008, p. 213). A obtenção de condições de se levar mais conhecimento (investimento da modalidade do saber) ou sustento (modalidade do poder) às comunidades de origem representaria, assim, o *horizonte estratégico* em pauta nos discursos desses jovens. Tal vislumbre visaria a assegurar a continuidade dos modos de vida tradicionais, considerados por eles com grande estima.

## Conclusões

Como vimos, são diversas as estratégias assumidas pelo atores do sujeito observados para tornar viável a consecução dos planejamentos de vida individuais. Estes por vezes eram pessoais, por vezes coletivos e podiam estar relacionados fosse ao objetivo, fosse ao horizonte estratégico da cena prática em pauta. Isso ocorreu tanto na temporalidade do presente das conversas, quanto na do futuro. Na discursivização das perspectivas futuras verificamos, com os jovens de São Paulo, uma valorização dos vínculos familiares, sobretudo do relacionamento com os núcleos próximos (pais, mães, irmãos e filhos), assim como o desejo de um estabelecimento profissional (mais ou menos qualificado) e formação superior, a depender do relato. Verificamos, em meio a esses depoimentos, referência ao que podemos considerar como um *horizonte estratégico temporalmente extenso* (relativamente). Este consideraria a realização individual como algo que se daria ao longo de diversas décadas, traduzindo objetivos de mais longo alcance.

No caso dos relatos dos jovens em restrição de liberdade, sobressaíram *objetivos de caráter temporalmente menos extenso*, tais como a obtenção de empregos após o cumprimento da medida judicial em meio à qual se encontravam. Eles eram vistos como a principal garantia para as condições de sustento futuras dos entrevistados. Além disso, fizeram menção ao desejo de conclusão dos estudos básicos. Esse grau de instrução era incompleto para quatro dos cinco entrevistados. Figuras práticas relativamente durativas e mais extensas, ligadas à constituição de família e à recuperação de laços familiares, também ocorreram em meio aos relatos desses adolescentes. Estas se deram em menor frequência do que o encontrado em meio aos depoimentos de jovens do primeiro perfil. Encontramos, em suas entrevistas, igualmente, um forte agenciamento passional, que fazia com que grande parte das discursivizações tivesse como objetivo a investigação *retrospectiva*, mais do que a realização de prospecções com respeito aos planejamentos de suas vidas.

Já para os jovens indígenas, encontramos um *forte vínculo com valores de ordem comunitária*, vinculados, provavelmente, à própria grade cultural de leitura do mundo pressuposta pelo pertencimento a esse grupo étnico. Assim, mesmo

objetivos individualizados projetados para o futuro, como a sonhada formação universitária, adquiriram um caráter utilitário e coletivo. Isso ocorria porque eram considerados a partir daquilo que poderiam proporcionar em melhorias para a vida das pessoas na aldeia. No que concernia às atividades que os jovens realizavam na temporalidade relacionada ao presente das entrevistas, o mesmo princípio ético se observava. As ações dos indivíduos ganhavam valor por serem também iniciativas que ofereciam mais condições de continuidade ao estilo de vida tradicional do seu povo.

Defendemos a postulação de uma conceitualização semiótica ao protagonismo subjetivo como um mecanismo estratégico de hierarquização e seleção de práticas tidas como mais importantes por um *campo avaliador* próprio do sujeito. As diferentes atividades confrontadas, verificáveis no âmbito discursivo, poderiam refletir as influências de diferentes axiologias às quais o ator em pauta se encontraria exposto. Para concluir, tais ideias, acreditamos, consistem em formas de observação e de articulação de elementos que seriam relacionados à significação como fenômeno amplo. Elas buscariam contribuir com os estudos já existentes no campo, dedicados à observação da complexidade inerente à constituição subjetiva, assim como à qualificação de seu fazer.

## Referências

- COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- DELORS, Jacques et al. *Educação, um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Brasília: Setor de Educação da Representação da Unesco no Brasil, Fundação Faber-castell, 2010 [1996]. 41 p. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf> . Acesso em: 28 jan. 2018.
- FONTANILLE, Jacques. *Pratiques sémiotiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.
- GOMIDE, Maria Lucia Cereda. Território no mundo A'uwe Xavante. *Confins* [on-line] 11, 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/6888> . Acesso em: 01 abr. 2018.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. 2ª ed. 1ª reimpressão. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2012.
- HART, Roger. Children's Participation: from tokenism to citizenship. *Innocenti Essays*, n. 4. Florença, Itália: UNICEF, International Child Development Center, 1992.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles (ed.). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 2a reimp. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.
- LANDOWSKI, Eric. *Interações arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014.

- LOPES DA SILVA, Aracy. *Nomes e amigos: da prática xavante a uma reflexão sobre os Jê*. São Paulo: FFLCH / USP, 1986.
- VIANNA, Fernando Luiz Brito. *Boleiros do cerrado: índios xavantes e o futebol*. São Paulo: Annablume, 2008.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

LEITE, Daniel Carmona

Semiotic analysis of the discourse of young Brazilians  
of different profiles: protagonism and semiotic strategies

*Estudos Semióticos*, thematic issue

“Contributions of semiotics and other theories  
of text and discourse to teaching”

vol. 15, n. 2 (2019)

issn 1980-4016

---

**Abstract:** *Protagonism is a word that was originated in the Ancient History. Nowadays, it is used around the world, specially in the fields of education and work. How can we deal with such an issue, taking into consideration the tools that have been forged by the French Semiotics? We shall overlook the relation that lies behind objectives and strategic horizons, taking this notions from Fontanille's work (2008). We will analyse oral testimonies of Brazilian young boys from 15 to 28 years old. They belonged to three different social profiles and varied in index like income and study. For methodological reasons, they were classified as: (A) urban Youth from São Paulo, (B) teenagers who had committed infractional acts and were under custody (semilibrary regime) in São Paulo. The third profile (C) is composed of indigenous people from xavante ethny, in the State of Mato Grosso. Among the results that were found, we identified in the first group the desire to get good jobs and to live together with their families. The infractor teens wanted to obtain ordinary jobs and to find ways to reconstruct their family bonds. The indigenous mainly wished to help guarantee the cultural survival of their communities.*

**Keywords:** *protagonism; semiotic practices; narrativity; semiotic strategies; youth.*

---

### Como citar este artigo

LEITE, Daniel Carmona. Análise semiótica do discurso de jovens brasileiros de perfis variados: protagonismo e estratégias semióticas. *Estudos Semióticos* [on-line]. Volume 15, n. 2. Dossiê temático “Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino”. Editoras convidadas: Diana Luz Pessoa de Barros, Lucia Teixeira e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2019. p. 292-306. Disponível em: [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) . Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento: 23/07/2019

Data de aprovação: 26/08/2019

---